

## **AINDA A PROPÓSITO DE *MACUNAÍMA*: LEITURA CRÍTICA DA CORRESPONDÊNCIA DE MÁRIO DE ANDRADE E DE SEUS AMIGOS A RESPEITO DA CONCEPÇÃO DE SUA RAPSÓDIA**

Sheila Praxedes Pereira Campos  
Orientador: José Luís Jobim  
Doutoranda

### **RESUMO**

Proposto para o encerramento da disciplina Seminário de Teoria da Literatura e Estética, referente ao semestre 2015.1, do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Literatura, da Universidade Federal Fluminense, este trabalho segue um itinerário já iniciado no mestrado com a leitura do diário de Theodor Koch-Grünberg (viajante alemão que veio à Amazônia no início do século XX e publicou, em 1917, a obra *Vom Roraima zum Orinoco*) e continua agora no Doutorado em Estudos de Literatura, sob a orientação do professor José Luís Jobim. Desta vez, o caminho percorrido é uma reflexão crítica em torno das cartas de Mário de Andrade, especialmente as integrantes da coleção *Correspondências*, publicada pelo Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/EdUSP), em busca de marcar elementos que identifiquem o processo criativo que levaram a história do herói indígena coletada pelo viajante alemão à história do herói sem nenhum caráter (re)constituída pelo escritor paulista. Essa pré-suposição encontra respaldo nas discussões do crítico francês José-Luis Diaz, em “Qual genética para as correspondências?”, para quem as cartas de escritores podem ser consideradas reveladoras dos momentos da elaboração da obra, apresentando o início do processo de construção e as reformulações oriundas dos debates e recepção crítica. No caso de Mário de Andrade, ler suas cartas como espaço de debates para o engendramento de *Macunaíma*, desde sua gênese até suas reelaborações, é fornecer o panorama de uma compreensão maior do autor e sua obra. Assim, sob a orientação das pesquisas que exploram as bibliotecas de escritores e entendem as cartas como um dos “arquivos de criação”, a ideia deste trabalho é servir como ponto de partida para o entendimento do processo de concepção de *Macunaíma*, obra máxima de Mário de Andrade que caracteriza seu esforço em traduzir e fixar uma expressão literária brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Correspondências, Mário de Andrade, *Macunaíma*.

*Sei me abrir nas cartas, mas não sei, em corpo presente, confessar minhas fraquezas.  
(Carta de Mário de Andrade a Murilo Miranda, em 17 de janeiro de 1940)*

### **Sobre Cartas e o Mário das Cartas**

Em tempos de telefone celular, *e-mail*, *sms*, redes sociais, *chats* e aplicativos de mensagens *online*, com tantas e frequentes mudanças nos meios e suportes de comunicação, a epistolografia que tem a carta escrita como suporte vive seus momentos de raridade. Recuperar as conversas entabuladas por vias não presenciais tem possibilidades tão diversas nos dias de hoje que, salvo alguns casos, o caráter instantâneo e descartável das interlocuções atuais coloca em risco o registro do que pode vir a ser um dado relevante no futuro. Nesse caso, bloqueios e senhas serão alguns dos obstáculos que a crítica genética do futuro terá que enfrentar. Embora a “emoção” de abrir uma carta pessoal recebida por correio tenha seus dias contados, permanece, em compensação, a “emoção” de ter acesso à correspondência íntima do outro, emoção similar à de um *voyeur*.

É, de certa forma, essa sensação de voyeurismo que nos leva a ler e pensar a correspondência de um dos maiores escritores do modernismo brasileiro, quiçá um dos mais importantes da literatura brasileira. É nas cartas que Mário de Andrade se revela e se desnuda. “Há uma diferença grande entre o você da vida e o você das cartas. Nas cartas você se abre, pede explicação, esculhamba, diz merda e vá se foder; quando está com a gente é... paulista. Frieza bruma latinidade em maior proporção pudores de exceção”, escreveu Manuel Bandeira a Mário em 16 de dezembro de 1925.

Assumidamente “epistolomaniaco”, o poeta da *Paulicéia* Desvairada confessou a Carlos Drummond de Andrade, em carta enviada no dia 10 de novembro de 1924: “Sofro de gigantismo epistolar”. Além de uma intensa produção poética e ficcional, Mário de Andrade legou à história literária brasileira uma vasta correspondência trocada por um longo período com amigos, familiares e intelectuais. Seu arquivo, composto de mais de 7.000 cartas, tem possibilitado a compreensão da vida pessoal do escritor e facilitado a leitura do modernismo e de nossa história. Com reflexões perspicazes, as cartas tratam de assuntos diversos como a criação literária, dúvidas estéticas, filosóficas e políticas, interesses, curiosidades, informações, notícias, críticas e ensaios, permitindo a compreensão da imprensa e do mercado editorial, da sociedade da época e de seus costumes.

É nas cartas que Mário é, de certa maneira, um Mário ‘diferente’, mais à vontade, menos inibido, mais informal, diz o que pensa, xinga e faz críticas sem a proteção do “encabulamento” provocado pela falta de intimidade no *face-to-face*. Ao discutir com seus destinatários a criação literária e a recepção de seus textos, um pouco ao modo de Poe e sua Filosofia da Composição, suas missivas também se constituem formas e estratégias de subjetivação e de constituição de si, em que o próprio Mário se reelabora como um eu diverso do eu que conversa à mesa de um restaurante, como Bandeira acusou.

Entretanto, se da mesma forma é recomendado não fazer confusão entre o “eu” do poeta com o “eu” do poema, é necessário estabelecer limites entre o sujeito que escreve a carta e o sujeito remetente, assim como há distinção entre o sujeito que recebe a carta e o sujeito destinatário. Desse modo, ao entendera correspondência como um dos espaços onde a memória se constrói, a intimidade do escritor, supostamente revelada nas cartas, é, no mínimo, passível de ser questionada.

Ao refletir sobre os aspectos da vida pessoal e profissional, narrando experiências pessoais e os problemas do cotidiano e das relações humanas, o sujeito que se constitui no ambiente epistolar é constituído pelo caráter específico do gênero carta, cujo destinatário é sempre o outro. Para Michel Foucault, em *A escrita de si*, “Escrever é pois ‘mostrar-se’, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro” (2006, p. 150). Para o filósofo francês, por dar lugar ao exercício pessoal, a carta exerce influência tanto sobre quem recebe quanto sobre quem envia. Assim, “É a própria alma que há que constituir naquilo que se escreve” (2006, p. 144).

Por outro lado, é possível pensar o remetente como um sujeito que cria personagens (*personae*) conforme o destinatário, modulando seus posicionamentos ao tratar com cada um de forma distinta. Sendo assim, esse eu protagonizado pelo emissor de uma carta realiza estratégias autobiográficas em que os correspondentes elaboram autorretratos adequados ao contexto e desejados conforme as circunstâncias. De certa forma, ler uma carta significa flagrar uma variada gama de representações do sujeito, cujas encenações são determinadas pela presença do destinatário. Seria, em todo caso, uma espécie de “graduação de influências”, como definiu Fernando em Pessoa,

em carta a Adolfo Casais Monteiro, em 13 de janeiro de 1935, a propósito da criação de seus heterônimos<sup>1</sup>.

Para Antonio Cândido (2004, p. 91), “Há com efeito muitos Mários de Andrade, além dos já conhecidos, que irão se revelando aos poucos; entre eles, o homem que escrevia cartas”. O Mário que nos interessa é o Mário das cartas que pensam e discutem o Macunaíma antes e depois de 1928, buscando em seus amigos, especialmente no poeta Manuel Bandeira, a interlocução necessária para a construção e reconstrução de uma das obras mais importantes do modernismo brasileiro.

Tenho a impressão de que Mário de Andrade será um dos escritores mais estudados, comentados e debatidos em nossa futura história literária. (...) A sua correspondência encherá volumes e será porventura o maior monumento do gênero na língua portuguesa; terá devotos fervorosos, e só ela permitirá uma vista completa de sua obra e do seu espírito.<sup>2</sup>

É com este prognóstico que Antônio Cândido abre sua coluna “Notas de Crítica Literária” no Diário de São Paulo, em 21 de fevereiro de 1946, exatamente um ano após a morte de Mário de Andrade. Do espólio deixado pelo escritor paulista, as cartas constituem seu mais importante legado, integrando um acervo que foi transformado em patrimônio nacional em 1995 e que vem sendo administrado pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

Revelada 50 anos após sua morte, conforme pedido feito em testamento, a correspondência de Mário de Andrade com amigos, familiares e intelectuais foi aberta e catalogada por uma equipe do IEB, comandada pela professora Telê Ancona Lopez, e tem vindo à luz em publicações como a coleção Correspondência, sob a coordenação dos professores José Aderaldo Castello, Telê Ancona Lopez e Marcos Antônio de Moraes, este último sendo o organizador do volume 1, em 2001, da correspondência de Mário com Manuel Bandeira.

Na apresentação da Coleção Correspondência, a Coordenação Editorial justifica que “A importância da Correspondência de Mário de Andrade para a literatura e a cultura brasileiras impõe a necessidade de se recompor diálogos mais completos para

---

<sup>1</sup> PESSOA, Fernando. *Correspondência: 1923-1935*. Org. Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999.

<sup>2</sup> CANDIDO, Antonio. “Mário de Andrade”. Coluna “Notas de Crítica Literária”. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 21 fev. 1946. Artigo reproduzido em: CÂNDIDO, Antônio. Lembrança de Mário de Andrade. In: *O observador literário*. (1ª ed., 1959). 3. ed rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004. p. 91-95.

relatar, através da montagem da correspondência recíproca, ou de instâncias da passiva, as múltiplas facetas da amizade”<sup>3</sup>. E é essa amizade estabelecida entre o autor de Macunaíma e seus vários interlocutores que permite a visualização do Mário que queremos entender.

### **Sobre Macunaíma e as Cartas do Mário**

Marcos Antônio de Moraes, estudioso da correspondência de Mário de Andrade, no artigo “Epistolografia e crítica genética” (2007a), defende que há, no mínimo, três possíveis possibilidades de estudo que justificam o recente interesse editorial pelas correspondências de escritores: a carta como testemunho capaz de definir um perfil biográfico, a carta como reveladora dos bastidores de uma sociedade e de uma época e a carta como um importante elemento da biblioteca de escritores, denunciadora do processo de criação.

É para essa última perspectiva que nosso olhar curioso se volta, entendendo, como Moraes, a carta como um “arquivo de criação, espaço onde se encontram fixadas a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra artística, desde o embrião do projeto até o debate sobre a recepção crítica favorecendo a sua eventual reelaboração” (MORAES, 2007a, p. 30). Em se tratando de Mário de Andrade, fixar este olhar tem sido um exercício interessante no que tange ao entendimento da concepção de uma das obras pilares da literatura e cultura brasileira, tão exaustivamente já estudada: *Macunaíma*.

Em carta a Carlos Drummond de Andrade, em 24 de agosto de 1944, Mário confessa: “Faz uns dois anos ou pouco mais me apaixonei pelo fenômeno da criação estética” (ANDRADE, 2015, p. 341). Por aí é possível entender que ele tinha consciência disso e, nesse caso, o discurso epistolar de Mário de Andrade, além de revelar o processo de criação literária, ainda revela como o próprio Mário via/entendia esse processo. Nesse viés, corresponder-se, para Mário, assumia duas importantes funções: a carta teria um caráter didático-pedagógico ao servir como instrumento de ensino (poetas amigos e desconhecidos escreviam-lhe para pedir opinião sobre poemas

---

<sup>3</sup> MORAES, Marcos Antonio de (Org.). *Correspondência*. Mário de Andrade & Manuel Bandeira. 2. ed. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 2001. Coleção Correspondências, vol. 1.

e textos) e a carta teria ainda a função de crítica literária ao ser espaço de criação e recriação literária e de discussão da recepção dos textos.

É assim que, de certa maneira, esse caráter multidisciplinar da epistolografia marioandradiana torna visíveis as estratégias de encenação que sua escrita assume. É nesse cenário de encenação, de modulação do eu, ponto crucial e turbulento da correspondência do autor de Macunaíma, que o Mário de Andrade “crítico” domina boa parte das cenas. Todavia, é possível notar que o grau de encenação varia de acordo com o destinatário, sendo moderado conforme a intimidade existente entre os interlocutores. E sobre isso Silviano Santiago explica:

O nome do correspondente varia e gera um complexo sistema de dissolução do sujeito (Como quero ser visto por fulano e sicrano?). Informações podem ser fornecidas, comentários podem ser feitos, críticas podem ser enunciadas, mas são fornecidos, feitos e enunciados de maneira distinta para cada correspondente. (SANTIAGO, 2006, p. 64)

Para Santiago (2006), o fato de apresentar características semelhantes ao diário e ao texto em prosa ficcional faz com que a correspondência seja traspassada pelos elementos que daí derivam, sofrendo interferências que desembocarão na forma como o receptor receberá as informações ali contidas. Na correspondência trocada com Tarsila do Amaral, por exemplo, o Mário que faz declarações entusiásticas para Tarsila (“Estou a teus pés, de joelhos.”<sup>4</sup>) é diferente do Mário que sabe que sua carta será lida por Oswald usa “Tarsivaldo” ou “Gente boa” como vocativos. Essa posição assumida pelo remetente, no entender de Marcos Antônio de Moraes, é definida pela presença do destinatário, o que beneficia

a formulação de *personae*, pois o sujeito molda-se como personagem em face do interlocutor. Essa invenção de si (*mise-en-scène*), da qual o remetente pode ter maior ou menor grau de consciência, forja sempre estratégias de sedução (MORAES, 2007b, p.74).

Sob esta perspectiva, o discurso epistolar marioandradiano pressupõe uma leitura no conjunto das relações extrínsecas ao próprio conjunto das cartas que compõem a trocas entre os correspondentes. E embora a leitura de suas cartas possa ser feita de forma isolada, ressalvadas as devidas características inerentes ao gênero, as missivas de Mário ultrapassam a função comunicativa e mostram o Mário leitor de si próprio, cujas cartas também revelam a história de seu processo criativo. Para Henriqueta Lisboa, em carta datada de 30 de janeiro de 1942, ele escreveu:

<sup>4</sup> Carta de Mário de Andrade a Tarsila do Amaral enviada em 11 de janeiro de 1923.

I – O Macunaíma e quase a infinita maioria dos meus poemas “dirigidos” foram escritos em estado de possessão preparada. Como assunto, a própria Pauliceia, mas sem saber que estava preparando. Depois principiei fazendo isso voluntariamente. Quero dizer: eu provoço o estado de poesia. Esses em geral, por isso que dirigidos, são os poemas mais remanejados. Às vezes entre a primeira e a versão definitiva são mais dois poemas irmãos que o mesmo poema.

Justo por crer na poesia, crer na arte, em seu valor intrínseco e em seu valor funcional, jamais não sentei na mesa para escrever em poesia uma lenda brasileira, pela razão de que os poetas nacionais e um Goethe, um Heine poetizam lendas e histórias. Mas aos poucos, passadas certas ebulições entusiásticas do ser, sistematizadas elas em princípios de minha orientação artística, fui tomando o costume de provocar a saída, a nascença, a criação dum poema sobre um assunto, um tema estabelecido preliminarmente.<sup>5</sup>

É o estatuto da “possessão voluntária”, defendido por Mário, que faz sua correspondência semelhante à “Filosofia da composição” e, como tal, também é “uma ficção de gênese trazendo todas as marcas da invenção a posteriori” (GRÉSILLON, 2007, p.132). Edgar Allan Poe, ao explicar a composição de “O Corvo”, descarta as noções de inspiração e acaso que, embora estejam envolvidos no processo de criação literária, passam a ser controlados com a “precisão e a sequência rígida de um problema matemático” (POE, 2000, p. 38). Assim, a atividade literária é o resultado da confluência entre inspiração e técnica, deliberadamente orquestrada – a chamada “possessão preparada”, no dizer de Mário de Andrade.

Do seu interesse pelo folclore e pela língua como elementos capazes de unir um país tão disperso geograficamente, Mário publica, em 1928, *Macunaíma*, influenciado pela leitura de *Vom Roraima zum Orinoco*, do etnógrafo alemão Theodor Koch-Grünberg, cuja leitura trouxe-lhe a “inspiração” para a história do “herói sem nenhum caráter”. Obra explicitamente reciclada, Mário é acusado de plágio. Raimundo Moraes, escritor paraense, no verbete relacionado a Koch-Grünberg em seu segundo volume de *O meu dicionário de coisas da Amazônia*, de 1931, expressa seu apoio ao escritor paulista:

[...] Os maldizentes afirmam que o livro *Macunaíma*, do festejado escritor Mário de Andrade, é todo inspirado no Von Roraima Zum Orinoco do sábio. Desconhecendo eu o livro do naturalista germânico, não creio nesse boato, pois o romancista patricio, com quem privei em Manaus, possui talento e imaginação que dispensam inspirações estranhas. Infelizmente o brasileiro só crê e exalta a obra do ádvena. É uma falha do nosso caráter. (MORAES, 1931, p. 147)<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Carta de Mário de Andrade a Henriqueta Lisboa enviada em 30 de janeiro de 1942.

<sup>6</sup> MORAES, Raimundo. *Meu dicionário das coisas da Amazônia*. Rio de Janeiro: Alba, 1931. Vol. 2. Presente no Dossiê integrante da edição de *Macunaíma* publicada em 2013 pela Editora Nova Fronteira, com estabelecimento do texto de Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo.

Mário, para além de agradecer o apoio, responde da forma como melhor se diz: escreve uma carta. Como a justificativa precisava ser compartilhada, publica uma Carta Aberta dirigida a Raimundo Moraes, no *Diário Nacional* de São Paulo, 20 de setembro de 1931:

Foi lendo de fato o genial etnógrafo alemão que me veio a idéia de fazer do Macunaíma um herói, não do “romance” no sentido literário da palavra, mas de “romance” no sentido folclórico do termo. (...). Copiei, sim, meu querido defensor. O que me espanta e acho sublime de bondade, é os maldizentes se esquecerem de tudo quanto sabem, restringindo a minha cópia a Koch-Grünberg, quando copiei todos.<sup>7</sup>

O escritor de Macunaíma confessa, assim, sua intenção deliberada de ter copiado não apenas o alemão, mas muitos outros, inclusive até a sátira, copiada de Gregório de Matos. A construção de *Macunaíma* começa, assim, a ser planejada com bastante antecedência, embora tenha sido escrito, como o próprio Mário revela, em apenas seis dias, tal como os dias da Criação, deitado numa rede, tal como seu herói, na Chácara de Sapucaia, do amigo Pio Lourenço Corrêa, em Araraquara. Em carta a Câmara Cascudo, em 1 de março de 1927, Mário escreve:

Não sei se já te contei ou não mas em dezembro estive na fazenda dum tio e... escrevi um romance. Romance ou coisa que o valha, nem sei como se pode chamar aquilo. Em todo caso chama-se *Macunaíma*. (...). Minha intenção foi esta: aproveitar no máximo possível lendas tradições comuns frases feitas etc. brasileiros. (...). O livro quase que não tem nenhum caso inventado por mim, tudo são lendas que relato.

O longo processo de coleta e reciclagem também encontra apoio no fazendeiro Pio, a quem Mário chama carinhosamente de tio e de quem difere intelectualmente em grande medida, especialmente no tocante à língua. Pio Lourenço é também um dos principais interlocutores de Mário na troca de informações sobre folclore, tradições paulistas, fala popular, ditos, problemas de linguística. Pesquisador sistemático da língua, é para o fazendeiro que Mário pede muitos favores, como na carta datada de 20 de agosto de 1927:

Quero lhe pedir um favor. Ando metido mesmo nessa coisa de folclore e já estou com material pra mais dum volume. (...). Escarafunche bem a memória e veja se tira dela algum provérbio, abusão, frase-feita, quadrinha, superstição que imagina não recolhida e vá mandando. (...). Sobretudo pro momento, veja se lembra de qualquer espécie de documento folclórico referente a boi.<sup>8</sup>

<sup>7</sup> Carta-aberta publicada por Mário de Andrade no *Diário Nacional*, a. 5, nº 1.262. São Paulo, domingo, 20 set. 1931, p. 3. Disponível em: ANDRADE, Mário de. *Táxi e Crônicas no Diário Nacional*. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976. 604 p. (p. 433).

<sup>8</sup> ANDRADE, Mário de e CORRÊA, Pio Lourenço. *Pio & Mário – Diálogo da vida inteira*. Introdução: Gilda de Mello e Souza. Estabelecimento de texto e notas: Denise Guaranha. Estabelecimento

É para Manuel Bandeira também que ele pede ajuda, em carta do dia 05 de janeiro de 1928: “Olhe, pergunte como coisa de você, pro Gilberto [Freyre] se ele sabe o nome de alguma rendeira célebre de Pernambuco ou do Nordeste qualquer [...]. É pro Macunaíma”. Essa pesquisa e curiosidade pelo folclore e coisas do Brasil vão desembocar na temática de boa parte de sua obra. Em carta a Câmara Cascudo, em 26 de junho de 1925, Mário exclama: “Como eu vivo e vibro de ânsia brasileira!”. É essa “ânsia” que lhe serve de “inspiração” – “possessão” por assim dizer... “Tenho uma fome pelo Norte, não imagina. (...). Mas sei surpreender o segredo das coisas comezinhas da minha terra. E minha terra é ainda o Brasil. Não sou bairrista.” É com esta declaração que Mário de Andrade, em carta a Câmara Cascudo no dia 26 de setembro de 1924, define sua curiosidade pelo Brasil.

Da enorme correspondência que Mário de Andrade trocou com diversos amigos e intelectuais, as cartas trocadas com Câmara, a quem de início ele ainda não conhecia pessoalmente, são as que mais traduzem e revelam o interesse do autor de *Macunaíma* pelas coisas do Brasil. A região Norte surgia como emblemática do desconhecido, posto que ele ainda não a conhecia e, das curiosidades que o consumiam, obras de arte, imagens de madeira, igrejas, autores e, principalmente, a língua brasileira. É com Câmara Cascudo e Pio Lourenço que Mário troca informações sobre expressões e palavras, suas origens e pronúncias. “Estou às ordens para abarrotá-lo de regionalismos, modismos característicos, etc., etc.”, responde Câmara em 2 de agosto de 1925.

Em *Macunaíma: a margem e o texto* (1974), texto basilar que discute e analisa as notas marginais dos textos marioandradianos que levaram à construção de *Macunaíma*, especialmente o diário de Koch-Grünberg, a professora Telê Ancona Lopez alega que Mário de Andrade

Escreve, então, Macunaíma, o herói sem nenhum caráter, procurando quebrar o regionalismo através da desgeograficalização do Brasil, o que consegue realmente com a mistura e a inversão de elementos do norte e sul nas enumerações, nas corridas panorâmicas da personagem e na macumba carioca. (...) nutre-se do regional, mas quebra o regionalismo porque desloca e critica. (LOPEZ, 1974, p. 16)

Essa constatação da professora Telê encontra respaldo na carta de Mário de Andrade a Câmara, em 6 de setembro de 1925, quando escreve: “Em tese sou contrário ao regionalismo. Acho desintegrante da ideia de nação e sobre este ponto muito prejudicial

pro Brasil já tão separado”. Para Mário, insistir no regionalismo seria dar ênfase às diferenciações e ao exótico, o que seria danoso para um país já tão desunido geograficamente. É essa separação territorial que desaparece em *Macunaíma*. Ainda em correspondência com o folclorista, em 01 de março de 1927, Mário discute essa preocupação e pede ajuda:

Um dos meus cuidados foi tirar a geografia do livro. Misturei completamente o Brasil inteirinho como tem sido minha preocupação desde que intentei me abrasileirar e trabalhar o material brasileiro. Tenho muito medo de ficar regionalista e me exotizar pro resto do Brasil (...). Ora o que eu quero de você é isto: (...). Eu queria botar uma lenda aí do Nordeste nele, você não pode me ceder uma das que recolheu?

“Porque todo Brasil está ali. (...). *Macunaíma* é a revisão do Brasileiro. Reúne-o”. Essa é a opinião de Câmara Cascudo acerca de *Macunaíma*, em carta escrita a Mário em 01 de outubro de 1928. De mesmo julgamento, Manuel Bandeira escreve em 23 de agosto de 1928: “Você me dá a impressão de vir fechar um ciclo com ela. O que se fizer depois tem que ser merdinhas. Você vasculhou o Brasil inteiro e aproveitou quase tudo”.

E é na extensa correspondência entre Mário e Bandeira que encontramos o maior exemplo do gênero epistolar servindo como “laboratório de criação” para *Macunaíma*. A “Carta pras Icamíabas” é o que mais provoca desavenças entre os dois missivistas, considerada por Bandeira como uma “paulificação horrorosa”, em carta datada de 31 de outubro de 1927, após a primeira leitura do manuscrito de *Macunaíma* enviado por Mário ao amigo poeta.

Em resposta no dia 27 de novembro de 1927, Mário defende: “Não é pressentimento de alguma coisa, bem ou mal, não. Sinto só que é fatal: tenho de publicar essa Carta”. Na mesma carta, após ponderar novamente, promete ao amigo: “Enfim vou matutar e fique descansado que matuto sem nenhuma paixão. É certo que gosto da carta, isso gosto. Enfim vou pensar”. E pensa. E “matuta sem paixão”. E é no capítulo 9 que encontramos, desde a primeira edição em julho de 1928, a Carta pras Icamíabas. “Pode quem quiser gostar daquilo, inclusive você, eu acho uma besteira”, reclama Bandeira a Mário, em 23 de agosto de 1928.

As missivas “pensamenteadas”<sup>9</sup>, como Mário qualificou as cartas trocadas com Bandeira, permitem, entre os dois intelectuais, a ampliação e o enriquecimento cultural de cada um deles, colaborando de forma contundente no fazer poético. As trocas e

<sup>9</sup> MORAES, 2001, p. 681.

contribuições entre os dois ocorreram também sobre “Ci, a mãe do mato”, cujo capítulo Mário ampliou aconselhado por Bandeira, como escreve em 29 de agosto de 1928, ao enviar o *Macunaíma* já publicado ao amigo:

Se lembre que você me falou que pela importância que Ci tinha no livro, os brinquedos com ela estavam desimportantes por demais. Então matutei no caso, achei que você tinha razão e todas aquelas safadezas vieram então. Ficaram engraçadas, não tem dúvida, porém já arrependido de descrever as três f... na rede. Estou convencido que exagerei.

Na mesma carta, considera: “Se *Macunaíma* algum dia tiver a honra duma segunda edição acho que refundo aquilo”. Desde a primeira edição, com apenas 800 exemplares, lá se vão algumas tantas outras edições, discutidas, comentadas, criticadas e ampliadas. Para melhor entendê-las, é na correspondência de Mário de Andrade que *Macunaíma* se revela e revela o “retrato” de seu autor. Esse “retrato do autor”, ideia defendida por Carlos Bezerra e Telma Silva (2010), possibilita-nos a compreensão de um Mário (autor de *Pauliceia Desvairada*, *A Escrava que não é Isaura*, *Amar*, *Verbo Intransitivo* e outros), cujo retrato vai sendo re/desvelado aos poucos, delineando a imagem de um Mário que, no conjunto de imagens formadas, é, também e principalmente, o Mário do *Macunaíma*.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Aracy (Org.). *Correspondência*. Mário de Andrade & Tarsila do Amaral. 2. ed. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 2001. Coleção Correspondência de Mário de Andrade, 2.
- ANDRADE, Mário de e CORRÊA, Pio Lourenço. *Pio & Mário – Diálogo da vida inteira*. Introdução: Gilda de Mello e Souza. Estabelecimento de texto e notas: Denise Guaranha. Estabelecimento de texto, datas e revisão ortográfica: Tatiana Longo Figueiredo. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul / São Paulo: SESC-SP, 2009. p. 123.
- ANDRADE, Mário de. *A lição do amigo*. Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade anotadas pelo destinatário. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.
- ANDRADE, Mário de. *Cartas a Murilo Miranda 1934/1945*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 55.
- ANDRADE, Mário de. *Táxi e Crônicas no Diário Nacional*. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976. 604 p. (p. 433).
- BEZERRA, Carlos Eduardo; SILVA, Telma Maciel da. A correspondência de escritores brasileiros como fonte de pesquisa para os estudos literários e históricos. *Historiae*, Rio Grande, v. 1, n. 1, p. 61-74, 2010.
- CANDIDO, Antonio. Lembrança de Mário de Andrade. In: *O observador literário*. (1ª ed., 1959). 3. ed rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004. p. 91-95.
- DIAZ, José-Luis. Qual genética para as correspondências? (trad. Cláudio Hiro e Maria Sílvia IanniBarsalini). *Manuscrita: revista de Crítica Genética*, 15. São Paulo: Associação de Pesquisadores de Crítica Genética /Humanitas, 2007, p. 119-162.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: \_\_\_\_\_. *O que é um autor?* 6 ed. Lisboa: Nova Veja, 2006. p. 129-60.
- GRÉSILLON, Almuth. *Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos*. Trad. Cristina C. V. Bick, Letícia Colbachini, Simone N. Reis, Vincent Leclerq. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007.
- LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Macunaíma: a Margem e o Texto*. São Paulo: HUCITEC, Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo, 1974.
- MORAES, Marcos Antonio de (Org.). *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas 1924-1944*. São Paulo: Global, 2010.
- MORAES, Marcos Antonio de (Org.). *Correspondência*. Mário de Andrade & Manuel Bandeira. 2. ed. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 2001. Coleção Correspondência de Mário de Andrade, vol. 1.

MORAES, Marcos Antonio de. Epistolografia e crítica genética. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 59, n. 1, p. 30-2, jan./mar. 2007a.

MORAES, Marcos Antônio de. Ligações perigosas. In: PINO, Cláudia Amigo (Org.). *Criação em debate*. São Paulo: Humanitas, 2007b.

PESSOA, Fernando. *Correspondência: 1923-1935*. Org. Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999.

POE, Edgar Allan. A filosofia da composição. In: BARROSO, Ivo (Org.) “*O Corvo*” e suas traduções. Trad. Milton Amado. 2ed. Rio de Janeiro: Lacerda, 2000.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: \_\_\_\_\_. *Ora (dizeis) puxar conversa!* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006, p. 59-95.

SOUZA, Eneida Maria de (Org.). *Correspondência*. Mário de Andrade & Henriqueta Lisboa. São Paulo: Petrópolis; Edusp, 2010. Coleção Correspondência de Mário de Andrade, 3.